

Projeto Calha Norte passa a atuar no
Parque Tumucumaque

No dia 15 de Maio, jornais do Rio de Janeiro (O Dia, Jornal do Comércio, O Globo), de São Paulo (Correio Popular, O Estado de São Paulo), do Paraná (Gazeta do Povo) do Distrito Federal (Correio Brasiliense, Jornal de Brasília, Correio do Brasil) estamparam matérias que celebravam a "missão especial de saúde" da FUNAI, composta por especialistas da FAB, UFFa, da SUCAM e da própria FUNAI.

Em si esta notícia não é excepcional. Enquanto tutora das populações indígenas, é dever da FUNAI o cuidado de sua integridade física, e não um ato de extraordinária eficiência administrativa da atual gestão deste Orgão. Como frizam as reportagens, as ações especiais de saúde são uma idéia antiga, pois foram introduzidas pelo médico-sanitarista Noel Nutels em 1956 e prosseguiram com as EVS (equipe volante de saúde) que se notabilizaram sobretudo na década de 70. O que muda então?

A "missão especial de saúde" não é propriamente uma ação da FUNAI, mas sim do Projeto Calha Norte que a financiou. O que se celebra é justamente esta primeira atuação do PCN na área do Parque Tumucumaque, como indicam vários títulos e como o conteúdo dos artigos deixa perceber: desfilam justificativas para a atuação, presente e futura, para a atuação deste projeto.

Voltemos às matérias jornalísticas. Com duas exceções, as notícias veiculadas são basicamente as mesmas; variam os títulos e a redação se apresenta mais ou menos resumida conforme o jornal. Em todas permeia, antes de tudo, o preconceito, desconhecimento e desprezo pelos povos indígenas que habitam o Parque Tumucumaque.

Neste sentido o leque abre-se com a grafia errada da designação dos Wayana que se tornam "vai-ana" e se fecha com a caracterização da região como "quase totalmente despovoada por civilizados". O Parque só não é totalmente desprovido de "civilizados", porque lá moram "16 homens civilizados", os missionários e os funcionários da FAB. Os Tiriyo, Wayana e Apalai que há séculos desenvolvem na área culturas singulares e altamente sofisticadas, segundo este pensamento estariam na barbárie, incultos, "não civilizados"

Nesta mesma esteira de pensamento, os textos revelam que o Parque é identificado como "uma área quase desconhecida". Desconhecida de quem? Não dos povos indígenas que habitam há muito a região. Estes

CEDI - P. I. B.
DATA 15 / 06 / 88
COD. 0DD 131

conhecem e nomeiam cada serra, trecho de rio, riacho, as terras apropriadas para cultivo e os recursos do meio-ambiente. Estas terras são desconhecidas de nós que não somos nem Wayana, nem Apalai nem Tiriyo. São desconhecidas sobretudo dos órgãos governamentais que, ou se omitem ou elaboram projetos divorciados da realidade local.

A FUNAI pretende "preservar a região antes do aparecimento dos problemas e para tanto objetiva instalar-se na área após tantos anos de omissão. Entretanto vários problemas já surgiram e não recentemente, mas sim na década de 50-60 com a instalação das missões religiosas - protestante e católica - e que, por se preocuparem "unicamente com as almas" (como os jesuítas do período colonial) passam ao largo de sérios problemas que afligem as populações indígenas, como a precária situação sanitária e o empobrecimento alimentar (falta de proteína e não, como salientou uma repórter, pelo fato de comerem mandioca) e que são o resultado direto de uma concentração populacional excessiva que, de modo permanente, habita um território considerado impróprio pelos índios como é o caso da Missão Tiriós no rio Paru de Oeste e da Aldeia Apalai no rio Paru de Leste. Estes locais foram escolhidos unicamente em função das facilidades que um trecho de savana natural propiciou para a abertura de campos de pouso da FAB e que servem muito especialmente aos missionários (recordemo-nos do trinômio FAB-missionários - índios) mas não aos povos indígenas pois estes locais são totalmente avessos à tradicional escolha para a instalação de moradias. As localidades citadas constituem-se, sem exageros, em versões modernas das reduções jesuíticas.

Embora gravíssimos e perfeitamente observáveis estes não são os problemas principais apontados para esta área. Resultando de especulações de comparações sem fundamento, as reportagens salientam antes problemas imaginários, de cunho futurologista. Assim partindo do pressuposto que no Suriname existe ação guerrilheira, o norte do Pará terá futuramente "os mesmos problemas que existem na fronteira da Colômbia com a ação do M19" e como a região do Parque Tumucumaque é rica em cassiterita e urânio, se "repetirão os problemas que há na serra dos Surucucús".

Lucia Van Valthem

25/05/88